

LITERATURA POPULAR E RELIGIOSIDADE:
CRIATIVIDADE E HERMENÊUTICA
EM PATATIVA DO ASSARÉ

Cristiane Moreira Cobra
Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP
cristiane_cobra@yahoo.com.br

Resumo: este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica e teórica sobre a poesia de Patativa do Assaré. Constata que o discurso poético constituído em sua obra aponta para elaboração de uma forma de contestação e resistência diante das desigualdades vivenciadas pelo seu grupo, que toma por referência a religiosidade cristã popular. Como elementos dessa poética resistente, ressaltamos a memória, a oralidade, a ressignificação de conceitos instituídos pela ortodoxia da Igreja, bem como a abordagem de temas pertinentes aos membros desse grupo. A interpretação analítica dos poemas tem como referências a teoria literária de Alfredo Bosi, a idéia de metamorfose identitária desenvolvida por Ciampa, bem como as análises da cultura desenvolvidas por Renato Ortiz e Clifford Geertz. Patativa recorre ao imaginário religioso cristão católico como fonte de sentido e significado, revelando formas típicas da cultura popular de compreensão da religiosidade.

Palavras-chave: Patativa do Assaré; ressignificação; hermenêutica; resistência.

Abstract: this work is the result of a bibliographic and theoretical research about Patativa do Assaré's poetry. It ascertains that the poetical discourse presents in his work indicates the elaboration of contention and resistance concerning the inequality lived by his group, which uses the popular Christian religiosity as reference. The memory, orality, re-signification of concepts instituted by Church's orthodoxy as well as the approach of pertinent themes to the members of this group are emphasized as elements of his resistant poetry. The analytical interpretation of the poems is based on the literary theory of Alfredo Bosi, the idea of identity metamorphosis developed by Ciampa as well as the analysis of Culture developed by Renato Ortiz and Clifford Geerts. Patativa makes use of the Christian Catholic religious imaginary as source of sense and meaning. He reveals to the popular culture typical forms of understanding the religiosity.

Keywords: Patativa do Assaré; Re-signification; Hermeneutics; Resistance.

Universo de sentidos: a linguagem poética

Nesse estudo, situamos resumidamente o contexto do poeta Patativa do Assaré e de sua literatura popular, como se constitui seu discurso poético, sua estética e sua hermenêutica populares, além dos elementos de resistência e contestação presentes em sua poética, como ele descreve e dialoga com a religiosidade popular e como reelabora o conceito de Divina Providência. Patativa recorre ao imaginário religioso cristão católico como fonte de sentido e significado; entretanto, revelase sua elaboração popular de tais elementos como presença marcante da religiosidade do povo nordestino e brasileiro. Conforme o aporte teórico de Alfredo Bosi, é preciso debruçar-se sobre a obra do poeta, iluminando-a sob a luz da história da consciência humana, que não é estática e nem mesmo homogênea (2000). Considerar o contexto do poeta, sua relação com a História Geral, bem como a história particular imanente e operante em cada um de seus poemas; repensando o conceito de historicidade dessa obra poética, derrubando cronologismos apertados e relacionando poesia e sociedade.

Nosso objetivo é, a partir da palavra poética, compreender as relações entre produção literária, religiosidade, imaginário e cultura, para então aprofundar o conhecimento a respeito da obra poética de Patativa do Assaré, compreender as formas populares de reelaboração e ressignificação do imaginário católico e discutir a hipótese de que a poesia de Patativa e seus elementos da cultura e religiosidade popular caracterizem fator de resistência.

Se todo discurso revela uma forma de ver o mundo e de interpretá-lo, pois, através da palavra atribuímos sentido e significado a este mundo, no caso do discurso poético de Patativa, o sentido é dado pela relação com a natureza e com a religiosidade popular, que é o ponto focal de nosso interesse. Sob a ótica das Ciências da Religião, aprofundar a análise dessa obra possibilita ampliar o conhecimento sobre a literatura popular no Brasil enquanto manifestação artística, e suas relações com a religiosidade e a cultura.

Segundo Foucault (1999), a linguagem constitui teias de significado que operam em todos os âmbitos da vida. Barthes (2002) afirma que a fala se constitui como uma forma de organização pessoal e implica sempre exercício de poder. Tendo a literatura popular uma linguagem própria, que evoca significados e características orais (fala), deve ser considerada, portanto, um exercício de poder. O principal autor tomado como referência teórica é o já citado Alfredo Bosi, principalmente por sua consideração (conceituação) da poesia como uma forma de resistência (2002). Ele afirma que o poeta é caracterizado como o doador de sentido, mas que, no mundo moderno, ocorre uma cisão, restando à poesia o papel de aguçar a consciência dessa contradição do sentido, pois não se integra mais aos discursos correntes na sociedade. De acordo com o autor, “o poema pode ter o papel de acender no homem” ou de revelar o inconsciente desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela e, sendo assim, a poesia traduz em sons e símbolos essa realidade pela qual ou contra qual vale a pena lutar.

Patativa e seu contexto: literatura de folhetos nordestina Segundo Abreu (1999), a literatura de folhetos nordestina pode ser considerada uma das expressões populares mais brasileiras, marcadamente comuns na

região Nordeste e naquelas regiões que abrigam os migrantes de origem nordestina. Com as grandes navegações, aportaram no Brasil trovadores e artistas populares, que trouxeram em sua bagagem cultural aquilo que alguns consideravam ser as origens dessa literatura. Porém, no Brasil, a literatura popular desenvolveu temáticas próprias e hoje ultrapassa um século de história. Trata-se de uma literatura dinâmica e flexível, que atinge os mais diversos temas, com objetivos múltiplos, vasta divulgação e aceitação social, tanto em meios populares como nas elites acadêmicas. O folheto é um veículo popular de participação na vida do país, que permite ao povo debater a realidade, expressar suas necessidades e aspirações¹.

Apesar de serem impressos, os folhetos caracterizam-se por sua tradição oral, suas marcas de oralidade e pelo fato de serem feitos para serem declamados, lidos ou cantados em voz alta para um grande número de pessoas, mesmo as analfabetas; características comuns às culturas que valorizam a oralidade, segundo Zumthor (2000). No Brasil, infelizmente, a literatura popular em verso foi, por muitos anos, mal compreendida e interpretada, excluída dos estudos oficiais de literatura, permanecendo em desconhecimento por longo período. Como principais motivos da demora no reconhecimento e na inclusão dessa modalidade literária nos estudos oficiais, alguns problemas históricos como a introdução tardia da imprensa no país, que foi o último das Américas a dispor desse recurso, e a excessiva imitação de modelos estrangeiros pela intelectualidade. O início dessa manifestação literária no Brasil remonta a fins do século XIX e conta hoje com maciça bibliografia crítica e uma vasta produção de folhetos e autores que constituem um panorama das influências dessa poética popular em nossa cultura.

A questão da especificidade da produção dessa literatura no Brasil, mais especificamente no Nordeste do país, toma corpo com a nova hipótese explicativa levantada pela pesquisadora Márcia Abreu, que propõe um confronto entre o cordel português e a literatura de folhetos nordestina visando, a partir da apresentação da trajetória histórica e da comparação dos textos, discutir a independência entre essas duas formas literárias. A autora aponta para o equívoco da hipótese de uma associação ou decorrência entre literatura de cordel portuguesa e literatura de folhetos do nordeste brasileiro; questiona ainda o uso do termo literatura popular como sinônimo de cordel, já que tanto os autores quanto o público dessa literatura não pertencem exclusivamente às camadas populares. Através de um esmiuçado levantamento do trajeto histórico do cordel português, Márcia conclui pela completa ausência de unidade dessa produção, que inclui textos em verso, em prosa, gêneros variados, produzidos e consumidos por camadas amplas da população, não somente as populares; salienta ainda que a possível característica de uniformidade dessa produção não inclui o texto, nem os autores e nem mesmo o público, somente a materialidade do cordel, sua aparência e seu preço (cf. Abreu, 1999).

A longevidade de um corpus literário é, quase sempre, maior do que a do suporte gráfico por meio do qual é divulgado; isso ocorreu também com o romanceiro popular nordestino, que já existia muito antes da imprensa em folhetos. A base de subsistência do romanceiro popular nordestino, anteriormente ao registro escrito no

¹ Visando a ampliação dos conhecimentos a respeito do cordel e do poeta Patativa, como leitura introdutória, conferir as obras de Carvalho (2001), Curran (2003) e Diégues Jr. (1986).

século XIX, constituía-se pela conjugação entre memória e oralidade, sendo que os primeiros manuscritos compunham os cadernos pessoais de poetas, com versos próprios e de grandes mestres, que podiam ser vendidos ou trocados eventualmente. A literatura popular nordestina constitui um corpus específico, não pelo formato gráfico dos folhetos, mas por sua especificidade de gênero literário construído na e pela oralidade conjugada à memória. A principal característica que garante especificidade aos folhetos nordestinos é a rigidez de regras quanto à rima, à métrica e à estruturação do texto, sendo que essas regras são conhecidas pelos autores e também pelo público; e, conforme afirma Abreu (1999), essa rigidez da forma parece ser uma criação brasileira, já que em Portugal não existe essa uniformidade nas produções.

Patativa, por sua vez, nasce, cresce e se torna poeta em meio a essas influências referentes à rima, métrica e oração típicas desse corpus literário nordestino, traduzindo em seus versos características de repentista, cantador, autor de improvisos livres ou baseados em motes, além de produzir também poemas encomendados, com temática definida, e, posteriormente aos tradicionais folhetos, publicar inúmeros livros, gravar LPs, entrevistas no rádio e na televisão, e fazer ecoar sua poesia através de diversas mídias.

Identidade e memória: a ressignificação da doutrina tradicional da Providência

Inserido nesse contexto sertanejo, Patativa sofre influências das tradições dos trovadores, dos repentistas, dos violeiros e da literatura de cordel; faz-se poeta testemunha de um modo de vida, tipicamente rural, que reivindica valores e elabora sua própria identidade. Descreve a vida cotidiana no sertão, mas, principalmente, protesta e propõe o reconhecimento da dignidade e da integridade do povo sertanejo.

Sob essa condição de herdeiro de toda uma tradição nordestina, Patativa elabora sua obra, inicialmente marcada pelo aspecto lúdico e comemorativo, com poemas associados a acontecimentos sociais, fatos religiosos, festas de casamento e de padroeiros; como improviso declamado em momentos diversos do cotidiano, ato efêmero e circunstancial, livre da rigidez e permanência do escrito, portanto, tipicamente oral.

Essas características originárias da poética de Patativa, no entanto, permanecem mesmo depois da transcrição e da passagem de seus poemas para o registro escrito, em que elementos da oralidade permanecerão intactos, talvez como marca essencial de sua poesia. O recurso sistemático do emprego da língua como é falada, do estilo e pronúncia populares, denominado por alguns uso da língua cabocla, representa uma dessas principais marcas.

Pegue um Verso e vá embora

[...]

Você com sua indireta

Quer dar prova positiva

Dizendo que o Patativa

Não é um grande poeta

Eu faço a rima completa

Improvisando na hora,
 Meu verso nunca demora
 Nesta lira sertaneja
 Deixe de tanta pejeja
 Pegue um verso e vá embora²

Outra marca significativa da poética de Patativa é a forte presença da função conativa da linguagem, como uma interpelação do leitor ouvinte, seja nos títulos dos poemas ou nos primeiros versos de alguns deles, como uma introdução a um ritual discursivo. Há ainda o emprego de tom familiar que sublinha uma relação de vizinhança com o leitor, através do qual Patativa iguala a si mesmo enquanto poeta e ao seu público-alvo. No caso da glosa citada acima, percebemos essa interpelação do leitor ouvinte, tanto no título (mote) como nos versos; e é possível notar ainda certo tom familiar que enfatiza a proximidade, senão a presença do ouvinte.

A própria figura histórica de Patativa, emblemática do caboclo do sertão, traz em si características dessa oralidade; não tendo jamais escrito seus versos, fez uso unicamente da memória e da fala, tanto nas composições do início de carreira como nas mais recentes, e ainda continuou a improvisar com agilidade mesmo na velhice. O que ele dizia era transcrito por outros para o papel, mas seu discurso permaneceu fiel aos códigos da transmissão oral.

Analisar a poética de Patativa leva-nos, forçosamente, a adentrar no “campo movediço da memória, com a recuperação de fragmentos, de trechos de poemas” (Assaré, 2004, p. 11) e atentar constantemente para a problemática do registro escrito da oralidade. No caso particular de Patativa, a transcrição e publicação dos versos ocorreu sem regras preestabelecidas: “cada livro foi ditado a uma pessoa diferente, ficando a revisão e a padronização dessa escritura para uma futura edição crítica” (ibid., p. 11). Essa poética, baseada em códigos da oralidade, reafirma a importância da voz, já que se caracteriza como uma produção para ser dita/cantada ou lida em voz alta; a realização em plenitude dessa poesia envolve a performance, o gesto, o corpo todo em expressão.

Os estudos que constituíram um exame crítico da idéia de oralidade, em diferentes regiões do mundo, analisaram o funcionamento da voz poética, chegando à conclusão de que a performance oral é o único modo eficaz de comunicação poética e se caracteriza como um fenômeno heterogêneo; porém, elaborou-se uma hipótese de relação entre essa performance oral e a leitura como espécie de continuidade baseada no desejo.

O que ocorre em toda a trajetória, bem como em toda obra de Patativa, é a transposição de um discurso oral e performático³ para a rigidez e a permanência do registro escrito; seus poemas memorizados e declamados com fluidez em locais públicos adquirem, com a fixação escrita, a possibilidade de permanência temporal e de expansão espacial, ampliando seu público através da leitura. Talvez, pela hipótese de que a leitura represente continuidade da performance oral com base no desejo, seja possível a ampla assimilação pelo grande público

² Glosa para seu próprio Mote (Assaré, 2003, p. 78).

³ “A performance é outra coisa. Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, [...] designa um ato de comunicação como tal” (Zumthor, 2000, p. 59).

da poesia de Patativa, que, através da escrita e da leitura, amplia o contato com as mais diversas classes sociais e desperta o prazer, mesmo distante da performática expressão de sua poesia oral.

Conhecer e reinterpretar o passado, fazer a crítica do presente e dar sentido ao futuro coincide com o desenvolvimento humano no tempo, enquanto processo identitário, já que a identidade se transforma e vai se concretizando pelas novas relações sociais nas quais se enreda, de acordo com Ciampa (2001). Elemento importante na constituição da identidade humana, segundo a teoria desenvolvida por esse autor, é transformar as determinações exteriores em autodeterminações, elaborar certa unidade entre subjetividade e objetividade; essa autodeterminação supõe uma finalidade, um objetivo, um projeto que pode ser individual e também coletivo, como é o caso daquele projeto de vida vislumbrado poeticamente para o povo nordestino pelo poeta. A consideração de seu discurso poético como profético decorre tanto de sua importante formulação das determinações exteriores em autodeterminações, num projeto que se traduza como perspectiva de futuro para o sertanejo nordestino individualmente e enquanto classe, como também por sua forte ligação ao passado e à tradição, criticamente consciente do presente e esperançosa diante do futuro.

Ao revelar em seus versos uma religiosidade, Patativa traduz uma forma de conhecimento, um outro universo simbólico, que orienta a ação humana; a religião transparece nos poemas como imbricada com a realidade popular, ora funcionando como forma de dominação, ora como subversão da ordem, como contestação e resistência, como mais um discurso sobre a realidade. Principalmente por incluir-se no catolicismo, a poesia de Patativa ressignifica elementos da tradição institucionalizada sob a ótica popular, revela as divergências entre a instituição e seus fiéis.

Na poética de Patativa fica clara a formulação de uma imagem de mundo, através de símbolos populares, de ressignificações populares para símbolos já existentes no catolicismo tradicional, imagem essa que abarca ambigüidades e lhes dá sentido, tanto individual, quanto coletivamente, como afirma Geertz (1989). Ao tecer suas teias de significado, poeticamente, Patativa atribui significado aos elementos da realidade, lê essa realidade e elabora um discurso sobre ela, discurso esse que assume função interpretativa e supre necessidades individuais e coletivas.

Por isso, a interpretação a seguir pretende analisar o significado atribuído aos símbolos, às metáforas e aos temas abordados pela poesia de Patativa, bem como relacioná-los aos processos socioestruturais e psicológicos envolvidos, abordando esses atos simbólicos ligados aos acontecimentos sociais.

Para além dos diversos elementos de religiosidade popular elaborados pela poética de Patativa, revelando-se a fragmentação e a ambigüidade de sua visada popular, sob as formas ora de recusa, ora de reinvenção, de elementos similares, um fator marcante e peculiar é sua reinvenção do conceito de Providência Divina. Patativa rejeita a hipótese de que o sofrimento do povo sertanejo possa ser atribuído a Deus ou ao pecado, como pagamento por alguma dívida; sua visão a respeito da Divina Providência diverge completamente dessa hipótese do sofrimento como sina ou destino do povo sertanejo; afirma que todos possuem a razão, dom de Deus, sendo ingratos e opressores aqueles que negam os direitos aos demais.

Para Patativa, não é Deus quem castiga ou a seca que obriga o sertanejo à sentença de sofrimento; ao contrário, são as injustiças, a indiferença e a exploração dos próprios humanos, permanecendo clara essa sua visão das injustas condições de vida do sertanejo em diversos poemas (Assaré, 2001), como, por exemplo, no poema que segue:

A Triste Partida

[...]

Entonce o rocêro, pensando consigo,

Diz: isso é castigo!

Não chove mais não

[...]

Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,

Lhe fuge do peito

O resto da fé⁴

O discurso poético ou a representação, seja ela qual for, não é passiva, nem mecânica e nem estática, com bem afirma Bosi (2002), as temáticas recorrentes no quadro social de uma época ou em um autor, como Patativa, revelam consciência da situação vivida, desmascaram ações reificadas e denunciam imposturas convencionalizadas. Os textos literários podem ser caracterizados como reflexo e também como reflexão, como espelho e também como resistência, a depender de sua historicidade; histórico, segundo Bosi, é o que ficou na consciência, e a memória é a responsável por manter vivo esse passado, acrescentando-lhe o estatuto de consciência histórica.

Para a compreensão desse conceito de memória, é interessante recorrer à interpretação de Ortiz (1998) do conceito de memória coletiva desenvolvido por Halbwachs, no qual o grupo é a unidade de referência; os grupos podem ser diversos, ocasionais ou permanentes, possuindo características comuns e comunidades de lembranças. Lembrar, nesse caso, atualiza fatos, situações, acontecimentos vivenciados e partilhados por todos do grupo, o empenho dessa memória coletiva é lutar contra o esquecimento; ocorre aí um entrelaçamento entre comunidade e memória.

No caso da poética de Patativa, além da memória, outro fator importante é a perspectiva de futuro presente em seus versos, a utopia que se revela num projeto, através de sua atitude profética; seu discurso além de resgatar o vivido, atribuindo significado a determinados elementos, resgatando a auto-estima de seu grupo social e propondo novos elementos identitários a esse grupo, propõe ainda um projeto comum de futuro.

Como bem resume Sodré (2002) em sua complexa análise da sociedade contemporânea, o discurso profético é a palavra de um porta-voz que representa estruturas imutáveis e intemporais, reflete a voz do Absoluto, é como a Boca de Deus; ocorre que esse discurso profético-religioso tem uma força moral e transmuta-se, eventualmente, em revolta política.

⁴ Trecho do poema “A triste partida”, musicado por Luiz Gonzaga posteriormente (Assaré e outros, 2003, pp. 51-54).

O próprio Patativa intitula-se poeta que traduz a voz divina, como aquele que, apesar do pouco ensino formal, elabora sua poesia a partir da natureza, como dom divino; o tom profético de seu discurso denota-se por sua memória, sua valorização do passado e da tradição, bem como por sua crítica utópica com vistas a um futuro melhor para seu grupo social, com bases no catolicismo tradicional popular.

Enfim, a constituição de um discurso poético-profético aponta para a utopia enquanto universo simbólico de sentido da realidade vivida, esse caráter messiânico religioso do discurso poético encontra-se presente na poesia de Patativa; caracteriza-se como elemento de subversão da ordem, de contestação da dura realidade nordestina e de resistência às injustiças sofridas pelo povo.

Considerando a utopia como universo simbólico de sentido da realidade, o discurso poético-profético elaborado por Patativa diverge daquele reproduzido e inculcado pela instituição católica em alguns aspectos; apesar de sua base cristã católica e da enorme influência dos valores morais estabelecidos pela instituição na obra do poeta, faz-se necessário ressaltar a originalidade de sua interpretação hermenêutica do conceito de Providência, considerando ainda que a conceituação de um Deus pai, providente e totalmente responsável pelo destino da existência humana, não poderia coincidir com o discurso poético utópico e libertário como o de Patativa do Assaré.

São inúmeros os poemas ou trechos de poemas de Patativa que ressaltam uma elaboração popular da doutrina da Providência; podemos, inclusive, afirmar essa como uma das principais temáticas, senão a principal, levantada de modo recorrente pelo poeta.

Vida Sertaneja

[...] Por força da natureza,
 Sou poeta nordestino,
 Porém só canto a pobreza
 Do meu mundo pequenino [...].
 Canto a vida desta gente
 Que trabáia inté morrê
 Surrindo, alegre e contente,
 Sem dá fé do padecê, [...]
 [...]
 E, como nada conhece,
 Diz, rezando a sua prece:
 Foi Deus que ditriminou!
 Pensando assim desta forma,
 Resignado, padece;
 Paciente, se conforma
 Com as coisa que acontece.
 Coitado! Ignora tudo,
 Pois ele não tem estudo,
 Também não tem assistência.
 E por nada conhecê

Em tudo os camponês vê
O dedo da Providença [...] ⁵

Patativa inicia o poema acima fazendo elogios à força trabalhadora do sertanejo, valorizando esse povo sofrido e colocando-se irmanado às mágoas de seu povo; retrata e reforça a identidade, os valores e as crenças desse povo, enaltecendo os preceitos cristãos respeitados por eles. Contudo, Patativa ressalta e denuncia as injustiças sociais que são, muitas vezes, vistas pelo povo como desígnio divino, Providência. O poeta percebe que as condições desfavoráveis de vida do pobre permanecem e sobressaem as posturas resignadas, decorrentes da doutrina tradicional da Providência que foi incutida à mentalidade popular.

Caboclo Roceiro

Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto teu pranto, me ponho a chorar.
Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
És rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade.
De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão.
Tu pensas, amigo, que a vida que levas,
De dores e trevas, debaixo da cruz
E as crises cortantes quais finas espadas,
São penas mandadas por Nosso Jesus.
Tu és, nesta vida, um fiel penitente,
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo, não guardes contigo esta crença,
A tua sentença não parte do céu.
O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,
Não fez, neste mundo, o teu lado infeliz.
As tuas desgraças, com tuas desordens,
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.
A Lua te afaga sem ter empecilho,
O sol o seu brilho jamais te negou,
Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.
De noite, tu vives na tua palhoça,

⁵ Trechos do poema “Vida Sertaneja” encontrado na obra de Assaré Cante lá que eu canto cá (1992, pp. 75-78).

De dia na roça, de enxada na mão.
 Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,
 Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

Mais diretamente, nesse poema, Patativa (Assaré, 1992, pp. 99-100) desnuda as condições de opressão vividas pelo povo sertanejo, alertando para a ilusão da crença popular na Divina Providência como foi inculcada historicamente pela instituição e perfazendo a crítica, bem como a ressignificação, em moldes populares, desse conceito.

Persiste, por toda obra de Patativa, a recorrente temática da Providência como crítica da ideologia institucionalmente estabelecida; é preciso considerar, no entanto, que todo texto é marcado por diversos tempos convergentes e imbricados num sujeito, numa trama social que o envolve; e, no caso da poesia de Patativa e sua recorrente temática da Providência, é possível perceber um encontro de tempos, através do qual enfrenta a rotina retórico-ideológica da sociedade usando livremente instrumentos da própria tradição.

O enfrentamento dessa ideologia dominante pela cultura e religiosidade popular, no entanto, não pode ser visto como uma oposição sistematizada, principalmente por seu caráter fragmentário, pelo fato de essa concepção de mundo utilizar-se de elementos reinterpretados da própria cultura dominante, combinados às tradições (Ortiz, 1980).

A recorrência ou retorno, recurso comum à poesia, presente em Patativa quando se trata do tema da Providência, pode ser considerada como reflexo de um desejo, qual seja o de recuperar, através do signo, o estrato de uma experiência vivida anteriormente. É interessante considerar que, segundo Bosi (2000) e seus estudos sobre a recorrência poética, esse modo pelo qual a linguagem recupera a sensação de simultaneidade, reitera e retoma, e apesar da repetição, revela que se perfaz um caminho, dando idéia de prosseguimento e continuidade.

Minha interpretação particular da idéia de recorrência aqui se refere à constante repetição, explícita ou implícita, de uma crítica da doutrina tradicional da Providência na obra de Patativa do Assaré; considerando-a como intencionalmente elaborada; como algo que se refaz, mas também se renova, se intensifica e não somente se repete.

Como o próprio Bosi alerta, “Ao decifrar um texto antigo, tentamos descobrir os ‘valores’ que lhes eram próprios, mas, às vezes, juntamos os nossos aos dele, ou mesmo substituímos os dele pelos nossos” (2000, p. 144).

Há que se considerar sempre, portanto, o texto como encontro de tempos heterogêneos, do próprio poeta e de sua experiência histórico-social registrada no poema, bem como de quem o lê e interpreta. Ainda segundo Bosi, o tempo histórico produtor de valores e saturado de conotações ideológicas e míticas é mutante; sendo que para reconstitui-lo é preciso esforço e empatia, já que a consciência histórica e crítica do leitor não é estável.

Ao propor sua crítica dessa doutrina, imposta pela ortodoxia da Igreja, Patativa reelabora e ressignifica, segundo elementos da cultura popular, a idéia de Providência vigente; a partir da percepção popular constitui

uma concepção de Deus como criador e pai amoroso, porém não responsável pelas condições injustas de nossa sociedade.

A poesia pode incluir momentos sofridos da práxis como geradores de recusa irada do presente e vistas ao futuro, e, no caso da poesia de Patativa, é o que ocorre; ele perfaz um caminho de aproximação dos sentimentos populares com a poesia, com a literatura, com a escrita, representando ele próprio um intelectual do povo, semelhante aos parâmetros de um intelectual orgânico.

Considerações finais

Segundo Bosi (2002), a linguagem poética é um dos aspectos da literatura sobre o qual pesa, ainda mais, o caráter de complexidade e de múltiplas relações de interdependência com o contexto histórico. Segundo ele, a poesia não se integra nos discursos correntes da sociedade, permanecendo sob formas estranhas e sobrevivendo mesmo nesse meio hostil; afirma ainda que

a poesia pode representar resistência sob variadas formas, seja através de sua forma mítica, de um lirismo de confissão ou de sátira, paródia, utopia.

Bosi supõe vários caminhos de resistência poética, entre os quais o da poesia mítica como aquela que responde ao presente, ressacralizando a memória como base da infância recalcada, na qual as figuras da infância e da tradição assumem sentido encantador, proporcionando o reencontro do adulto com o mundo mágico da criança. E ao deparar-nos com versos de Patativa, como não reconhecê-lo, também, um poeta mítico que proporciona o encontro com o mundo mágico da criança nordestina? Como poesia mítica, a obra de Patativa enquadra-se, pois recupera figuras e sons, faz-se poesia da natureza e da saudade, revelando o poeta como uma consciência que se volta para aquilo que não é, ainda, consciência; ao falar da natureza, das plantas⁶ e dos bichos como o jumento⁷, dos maquinários, das ferramentas⁸, de algum pássaro ou outro animal⁹, Patativa mostra-se um representante dessa poesia mítica, marcada pela resistência ao tempo do domínio e do cálculo no qual vivemos.

Através da definição de poesia sátira, pós-revolucionário e poesia utópica¹⁰ propostas também por Alfredo Bosi, é possível analisar e perceber também afinidades com a poética de Patativa do Assaré. Nessa linhagem da poesia, segundo o autor, o modo de resistência preferido é o ataque, no qual o poeta-profeta busca atingir diretamente as circunstâncias de seu momento, vivendo uma constante tensão, recusando seu presente e apresentando, através da imagem e do desejo, uma invocação ao futuro aberto de possibilidades. Patativa, como poeta-profeta, revela em seus versos o agora de seu tempo, mas move-se na direção do ainda não, como

⁶ Poemas como “Eu e o Sertão”, “O paraíso do Crato”, “A festa da natureza” e “A terra é Naturá” (Assaré, 1992).

⁷ Poemas como “Meu caro jumento” e “O Burro” (Assaré, 1992).

⁸ Poemas como “Minha impressão sobre o trem de ferro” e “Minha vingança” (Assaré, 2004). E também os poemas “Ingém de Ferro” e “O puxadô de roda” (Assaré, 1992).

⁹ Poemas como “O Vim-vim”, “O Pica-Pau”, “Vaca Lavadeira”, “O Sabiá e o Gavião” (Assaré, 1992).

¹⁰ “A sátira e, mais ainda o pós-revolucionário são modos de resistir dos que preferem à defesa o ataque. [...] O poeta-profeta que, em vez de voltar as costas e perder-se na evocação de idades de ouro, revela-se e fere no peito a sua circunstância” (Bosi, 2000, p. 187).

antecipação do novo tempo, de um futuro utópico. No entanto, somente o contexto da obra poética pode ajudar-nos a decifrar se essa crítica-sátira é conservadora ou realmente revolucionária, se essa palavra poética clama ao passado ou ao futuro; e qual a relação proposta entre recusa e utopia.

Segundo Bosi (2000, 2002), o lugar de onde se move uma autêntica sátira-crítica constitui-se como um topos negativo, caracterizado pela recusa aos costumes, à linguagem e ao modo de pensar corrente. E, especificamente nesse ponto, como não identificar de imediato a poesia de Patativa como um discurso que ecoa a partir de um topos negativo, que critica novos costumes e valoriza a moral tradicional, que se coloca numa linguagem totalmente própria e singular como representante de um grupo ou classe definida e que recusa o modo de pensar e agir correntes em seu tempo e crê num novo tempo. Nos diversos poemas de Patativa, é possível notar características desse topos negativo, seja ao comentar de modo crítico os costumes modernos, que contrariam a moral tradicional, seja através de sua linguagem matuta, marcada pela oralidade, ou ainda ao criticar diretamente o modo de pensar de seus contemporâneos através da poesia.

A forma de contestação que transparece na poética de Patativa varia, desde manifestações de uma poesia mítica e de uma sátira crítica, até culminar em uma poesia utópica e profética; relevante para a reflexão a que se propõe esse estudo, no entanto, é considerar que todas essas variantes presentes na obra poética de Patativa traduzem certa resistência através do discurso.

Sendo resistência um conceito originariamente ético e não estético, segundo Bosi (2002), adotar esse termo exige certa cautela; a resistência na narrativa, segundo Bosi, comumente, surge como tema ou como processo inerente à escrita. Em Patativa, a resistência revela-se nos temas, bem como na tessitura da escritura de seus poemas, no uso da linguagem como demonstração e valorização de uma condição de classe. Intuição e desejo fundamentam a arte poética de Patativa sem, entretanto, inibirem a força cognitiva de sua compreensão de mundo e de sua vontade ética, extremamente consciente dos critérios da realidade sertaneja e dos ditames da coerência entre sua condição de sertanejo e de sua libido de poeta. Enfocar os elementos de resistência incutidos na poética de Patativa implica considerar um objeto estético sob aspectos éticos; fruto da libido artística que envolve intuição e desejo, a poesia enquanto discurso traduz em si também uma visão de mundo baseada em certos valores e princípios éticos.

Referências

- ABREU, M. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ASSARÉ, P. Aqui tem coisa. São Paulo: Hedra, 2004.
- _____. Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, Crato, Fundação Pe. Ibiapina, 1992.
- _____. Digo e não peço segredo. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- _____. Inspiração Nordestina. São Paulo: Hedra, 2003.
- ASSARÉ, P. e outros. Balceiro Três. Crato: A Província, 2003.
- BARTHES, R. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOSI, A. Literatura e Resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, G. Patativa do Assaré. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CURRAN, M. J. História do Brasil em Cordel. São Paulo: Edusp, 2003.
- DIÉGUES JR., M. e outros. Literatura popular em verso: estudos. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- ORTIZ, R. A consciência fragmentada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZUMTHOR, P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Educ, 2000.